

# O SILÊNCIO SOBRE A RUSGA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

THE SILENCE ABOUT THE *RUSGA* IN HISTORY TEXTBOOKS

**Maria de Lourdes Fanaia**

Universidade de Cuiabá

**Correspondência:**

Av. Manoel José de Arruda, 3100 - Porto, Cuiabá-MT, CEP: 78015-000

E-mail: mary\_lourdes1996@hotmail

**Resumo**

Este artigo focaliza a Rusga, movimento social ocorrido em 1834 na província de Mato Grosso, durante o período regencial, diante da instabilidade política, da formação e das facções dos partidos políticos. O fato histórico é bastante semelhante aos que ocorreram nas outras regiões do país como: Cabanagem (1835), Farroupilha (1835), Sabinada (1837) e a Balaiada (1838). Para tanto, o objetivo do artigo é destacar o ensino de história, a produção de livros didáticos, evidenciando o referido conflito social enquanto conteúdo da História de Mato Grosso ausente nos livros didáticos. É relevante ressaltar que são muito limitadas as pesquisas sobre o tema. Desse modo, a História do Brasil, não é articulada com a História de Mato Grosso, ou seja, a História regional fica díspar da História nacional, longe de abranger os objetivos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS).

**Palavras-chave:** Livros Didáticos; História de Mato Grosso; Rusga

**Abstract**

This article focuses on the *Rusga*, social movement occurred in the year 1834 in the province of Mato Grosso during the period of regency in the face of political instability, and the formation of factions of political parties; historical fact very similar to what occurred in other regions of the country as Cabanagem (1835), Farrington (1835), Sabinada (1837) and Balaiada (1838). Therefore, the objective of this article is to highlight the teaching of history, the production of textbooks showing that social conflict as the content of the History of Mato Grosso absent in textbooks. It is relevant to note that very limited research on the topic. Thus, the history of Brazil, is not linked with the history of Mato Grosso, i. e. disparate local history is national history, far from covering the objectives proposed by the National Curriculum Parameters (PCNS).

**Key Words:** Textbooks - History of Mato Grosso – Raid.

A história do Brasil se constitui, assim, por uma dimensão nacional, local e regional.

Circe Bittencourt

De acordo com Leandro Karnal, as propostas curriculares e a produção didática nos instigam às reflexões sobre o ensino da História, pois alguns fatores interferem na historiografia e na construção dos currículos escolares e do mesmo modo na formação de profissionais de História. Desse modo, a ausência do tema Rusga<sup>1</sup> nos livros didáticos, está associado com o ensino de História em nível regional e nacional e com a produção dos materiais didáticos, e daí ser necessário primeiramente comentar sobre essas questões.

A disciplina de história surgiu no Brasil no século XIX, enquanto ciência, e os objetivos de seus conteúdos era enfatizar as tradições de um passado homogêneo, com feitos gloriosos de célebres personagens históricos. O propósito era justificar a colonização portuguesa.<sup>2</sup> Esta abordagem priorizava a história política factual, e os personagens como os escravos, mulheres, trabalhadores pobres ficaram excluídas das páginas da historiografia. No século XX o ensino de história foi substituído em detrimento da disciplina de Estudos Sociais, e ainda, na historiografia brasileira, prevaleceu a abordagem marxista, com observações determinantes sobre a estrutura econômica do país. Durante o período militar, as disciplinas de: Organização Social e Política Brasileira (OSPB) e Educação Moral e Cívica misturaram-se com os estudos da História e com isso os conteúdos de História e Geografia ficaram descaracterizados.

Somente na década de 1980, com a História Nova, de modo geral, houve então uma “revolução” no ensino. Ou seja, a partir desses anos, houve um repensar historiográfico, e no campo da pesquisa surgiu o aumento de produções historiográficas especialmente sobre a região mato-grossense, pois o parâmetro do ensino da história do Brasil até essa década primava pelas regiões sudeste e sul do país (São Paulo, Rio Janeiro e Minas Gerais). A História Nova permitiu também que a história regional/local e as experiências humanas mato-grossenses ausentes das páginas dos livros didáticos fossem valorizadas. No entanto, mesmo com essas mudanças ocorridas no ensino, pode-se dizer que nos dias atuais a problemática em foco ainda tem continuidade, pois a história de Mato Grosso e a produção de materiais didáticos voltados para a história local e regional continuam sendo desafios para os professores das escolas públicas, privadas e das instituições de ensino superior.

---

<sup>1</sup> CAVALCANTE, Else Dias de Araújo; COSTA, Maurim Rodrigues. *Mato Grosso e sua história*. Cuiabá: Ed. dos autores, 1999. De acordo com o dicionário, o termo Rusga significa barulho, desordem, confusão. SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso*. Da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002, p. 93. A Rusga, em Mato Grosso foi um dos movimentos sociais regenciais, deflagrado em 1834 resultante de luta armada travada no interior das elites; ela engrossou uma movimentação mais ampla, tendo sido plural em suas reivindicações e expressões.

<sup>2</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais.

Entre as deficiências do ensino dessa disciplina, destaca-se a carga horária reduzida no ensino médio no território de Cuiabá, onde consta na matriz curricular de algumas escolas públicas e privadas apenas uma aula por semana. Vale lembrar que uma das escolas privadas da mesma localidade citada, especializada no Ensino Médio, consta na matriz curricular quatro aulas por semana. Já no ensino fundamental de algumas escolas públicas consultadas não consta a disciplina na matriz curricular. Pode-se dizer, que a problemática não se resume somente na carga horária minimizada ou na falta de material didático específico, pois uma reflexão aqui levantada é: de que modo o conteúdo é construído ou repassado para o aluno?

Ainda que o objetivo deste artigo não seja apontar uma “receita” para melhorar a qualidade de ensino dessa disciplina observamos nos parâmetros curriculares nacionais elaborados pelo Ministério da Educação, indicações impreteríveis para que os conteúdos de história do ensino fundamental e médio sejam articulados e levem em conta a relação do passado com o presente. Assim, também é relevante para o profissional enfatizar nas aulas de história o tempo e espaço de qualquer grupo social. Como profissional atuante na área de história, percebemos que muitos alunos do ensino fundamental e médio, e mesmo acadêmicos, de universidades públicas ou privadas, apresentam deficiências inigualáveis, desinformações e noções extremamente vagas, por vezes desconhecimentos sobre determinados conteúdos como é o caso da Rusga que parece ser algo exógeno no vocabulário do estudante e do cotidiano escolar.

### **Livros didáticos e Rusga**

Os Parâmetros Curriculares (PCNs) explicitam a necessidade do estudo sobre a história do cotidiano e a identidade do aluno. Conforme consta nos Parâmetros Curriculares: os estudos da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço.<sup>3</sup> No entanto, o estudo sobre a história local no território mato-grossense é um paradoxo, longe de abranger os objetivos dos Parâmetros curriculares.

Segundo Circe Bittencourt, são enormes as deficiências apresentadas nas produções dos livros didáticos do ensino de História<sup>4</sup> e a História de Mato Grosso sendo ainda silenciada nos livros didáticos só reforça o problema da historicidade dessa região mais central da América do Sul como algo externo à realidade brasileira.

Nas produções didáticas de História há temas da História do Brasil, como os movimentos sociais ocorridos em variadas regiões do país na década de 1830. Entre os movimentos constam: a Cabanagem (1832, Pará), a Farroupilha (1835, Rio Grande

---

<sup>3</sup> Idem, Op. Cit., p. 40.

<sup>4</sup> BITTENCOURT, Circe Maria. *O saber histórico na sala de aula*. Repensando o ensino. São Paulo: Contexto, 2004. A autora afirma que os livros didáticos podem ser considerados como portadores de conteúdos ideológicos, contendo valores e conceitos genéricos, além de conteúdos extensos e imagens percebidas como meras ilustrações.

do Sul), Sabinada (1837, Bahia), a Balaiada (1838, Maranhão) com exceção da Rusga (1834, Mato Grosso). Esses movimentos sociais, inclusive a Rusga, eclodiram nas províncias também durante o período regencial, devido à instabilidade política e formação dos partidos políticos que até então não havia ainda no Brasil. Para Ernesto Cerveira de Sena, os “*movimentos provinciais e forças locais já ocorriam em diversas províncias do país, a fronteira oeste do império também demonstrava seu potencial que poderia ameaçar a integridade do país que se formava*”<sup>5</sup>. A necessidade da ordem previa restringir uma maior participação das camadas que, desde os tempos coloniais estavam alijadas de uma maior participação, efetivamente institucionalizada na política e nas esferas administrativas, desde os tempos da colônia. Era a direção da ordem que se apresentava fundamental num momento em que cresceram no Império em número as insurreições negras, as disputas pelas terras, os levantes urbanos, a insubordinação da tropa e as diversas rebeliões.<sup>6</sup> De modo geral, mediante insatisfação social a reação provocou os conflitos com participação de várias camadas sociais, e não somente envolvia a elite cuiabana, mas homens livres pobres, escravos, pequenos proprietários de terras.

Vale lembrar que enquanto a Rusga fica como um fato inexistente na historiografia brasileira, o conteúdo sobre a Farroupilha, além de estar nas páginas dos livros didáticos é um episódio que ganhou visibilidades na mídia há alguns anos atrás por meio de uma minissérie, é também um fato comemorado na região Sul do Brasil, uma forma de manter a identidade e a memória. Observa-se que o problema não reduz apenas a ausência do tema enquanto conteúdo do ensino de história do Brasil, porém a invisibilidade da história de Mato Grosso, de modo geral, na produção de materiais didáticos para o ensino médio e fundamental, ou seja, faltam materiais didáticos ou paradidáticos.

Na região de Mato Grosso são poucos os autores que focalizam o tema e mesmo sobre as produções de materiais didáticos. Elizabeth Siqueira Madureira e Else Cavalcante, além de produzirem outros estudos historiográficos nas décadas de 1970 e 1980, produziram livros que reúnem diversos aspectos da historicidade de Mato Grosso em diversos tempos históricos. As autoras abarcam fatos históricos do século XVIII ao século XX servindo de suporte para profissionais, que atuam nos Ensinos Médio e Fundamental. No entanto, muitos profissionais desconhecem suas publicações. Ressalte-se que uma das produções acadêmicas específicas e mais recente sobre o tema é de autoria de Ernesto Cerveira de Sena, que trata dos aspectos políticos antes, durante e após a Rusga. Para esse autor, o tema Rusga permite mostrar a dinâmica política na fronteira oeste do Brasil, com destaque para os partidos políticos e as facções, bem como a atuação dos personagens políticos.

Ao desenvolver a pesquisa juntamente com os alunos durante os estágios sobre a prática de alguns profissionais que atuam em escolas públicas e privadas no ensino

---

<sup>5</sup> SENA, Ernesto Cerveira de. *Entre anarquizadores e pessoas de costumes*; A dinâmica política nas fronteiras do império. Mato Grosso 1834-1870. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2009, p. 38.

<sup>6</sup>Idem, p. 41.

da História, observamos que alguns profissionais possuem uma visão mais crítica sobre o problema em questão, elaboram o material, ou seja, reúnem e organizam os textos, já que não existe um material específico. Outros profissionais não possuem material devido à falta de conhecimentos sobre onde encontrar as ferramentas necessárias, dessa forma obtém algumas informações pelos sites da internet sem, contudo, contextualizá-las, tornando ainda mais visível a falha do sistema educacional. Isso significa que os conteúdos de História de Mato Grosso, por vezes, são ainda repassados como fatos isolados e, portanto, simplificados. O que se observa na prática pedagógica é talvez a necessidade de revisar, repensar, sobre o conjunto de saberes que norteiam a comunidade escolar, a começar pela matriz curricular. Segundo Marcos Silva<sup>7</sup>, a construção de currículos culturalmente inclusivos incorporam tradições culturais e sociais de grupos específicos, características econômicas e culturais das realidades locais e regionais.

### **Breves comentários soabre o fato: 30 de maio de 1834 em Cuiabá**

Uma das vertentes historiográficas mato-grossenses caracteriza a Rusga como um movimento “nativista” ou um simples movimento da província de Mato Grosso. Em outras vertentes historiográficas, a Rusga, em linhas gerais, tinha por finalidade eliminar a presença portuguesa do território mato-grossense, devido ao monopólio econômico que detinham sobre a população no período regencial. Desse modo, temos a concepção naturalizada de que, o movimento só eclodiu em decorrência do monopólio dos portugueses. Sobre essa questão cabe uma maior atenção.

A Rusga, enquanto um fenômeno político brasileiro ocorrido em 1834, no Centro-Oeste do Brasil, no período das regências, situava entre o discurso da centralização e descentralização do poder.<sup>8</sup> Esse conflito esteve ligado aos partidos políticos que até então estavam emergindo no país e tais partidos políticos estavam associados aos “liberais e/ou Sociedades dos Zelosos da Independência” e os conservadores e/ou caramurus”. Os dois grupos pretendiam obter o controle político da província. Os liberais ou sociedade dos Zelosos da Independência almejavam a expulsão dos portugueses e de alguns estrangeiros também chamados de adotivos. Segundo Ernesto Cerveira de Sena, a Sociedade dos Zelosos intencionava derrubar o governo da província, nesse caso, o alvo não era os portugueses, pois brasileiros também ocupavam cargos políticos desde o período colonial e compunham a elite cuiabana.<sup>9</sup> O referido autor cita o presidente de província Augusto Leverger ao afirmar que o número de portugueses existentes na província, não passava de centena e meia em toda

<sup>7</sup> SILVA, Marcos. *Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido*. Marcos Silva; Selva Guimarães Fonseca. Campinas: Papirus, 2007.

<sup>8</sup> SENA, Ernesto Cerveira de. *Entre anarquizadores e pessoas de costumes; A dinâmica política nas fronteiras do império*. Mato Grosso 1834-1870. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato, 2009, p. 36.

<sup>9</sup> Idem, p. 36.

província estando muitos deles ligados à atividade mercantil e à cargos burocráticos. Quanto aos “caramurus ou conservadores” queriam o retorno de D. Pedro I. Elizabeth Siqueira Madureira, também defende que a partir dos dois grupos políticos eclodiu o conflito. Por sua vez, Else Cavalcante, comenta que a Rusga não pode ser considerada uma revolução e sim um movimento social de reivindicação, isso porque a província de Mato Grosso passava por crise econômica com pagamentos de salários atrasados, gerando ainda mais a miséria social.

Na época em que ocorreu o episódio em 1834, o presidente de província de Mato Grosso era Poupino Caldas, membro da Sociedade dos Zelosos da Independência, administrou a província entre maio e setembro de 1834. No entanto, Ernesto Cerveira de Sena, afirma que não foi esse o idealizador da Sociedade dos Zelosos, e sim Patrício da Silva Manso que havia assumido cargo de presidente da província dias antes do movimento em razão do presidente da província, Antonio Correa da Costa, encontrar-se ausente do cargo.

Para Rubens de Mendonça, a “Rusga”, movimento armado de 30 de maio de 1834 foi denominada de “a noite de São Bartolomeu mato-grossense”, em que a massa popular se agitava, o povo reclamava a retirada dos portugueses do solo pátrio:

[...] o Coronel João Poupino Caldas assumindo o governo no dia 26 de maio de 1834, quatro dias depois a 30 de maio, por volta das 11 horas da noite “se ouviu tocar rebate de cornetas e caixas de guerras, tiros de arcabuzes, e gritos de morram os bicudos. Na escuridão da noite apenas se ouviam barulhos de machados e alavancas arrombando as portas dos negociantes adotivos ali residentes”. O nome de bicudo era alcunha pejorativa que os cuiabanos davam aos portugueses.<sup>10</sup>

Conforme Else Cavalcante, esse momento representou mais uma ocasião encontrada para os pobres usufruírem de benefícios passageiros e extravasarem anseios e mudanças.<sup>11</sup> Para Elizabeth Madureira Siqueira, o movimento foi impulsionado não somente pelas elites, mas pelos mulatos e crioulos. Esses últimos grupos sociais foram motivados por uma questão racista, pois para Elizabeth Madureira Siqueira eles se sentiam inferiorizados diante da cor branca, a quem chamavam os brancos de caiados.<sup>12</sup>

Os participantes do movimento, também chamados de “rusguentos” pela historiografia, eram membros da Guarda Nacional, escravos, e segundo Siqueira, entre eles encontravam-se os membros da elite cuiabana. O Caderno de Memória do Legis-

<sup>10</sup> MENDONÇA, Rubens de. *História de Mato Grosso*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1982.

<sup>11</sup> CAVALCANTE, Else Dias de Araújo; Costa, Maurim Rodrigues. *Mato Grosso e sua história*. Cuiabá: Ed. dos autores, 1999

<sup>12</sup> SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso*. Da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002, p. 90.

lativo Cuiabano, publicado em 2002<sup>13</sup>, enfatiza que na noite de 30 de maio uma multidão revoltada e enraivecida que sob o toque de tambores e cornetas, comandadas pela própria Guarda Nacional, percorreu as ruas de Cuiabá, passando a atacar mortalmente os portugueses. Esse fato se passou em Cuiabá no campo D'Ourique, atualmente praça Pascoal Moreira Cabral, onde situa a Câmara Municipal dos Vereadores. Tal movimento teve durabilidade de aproximadamente quatro meses. Nessa noite, os participantes do movimento arrombaram as casas comerciais, saqueando e matando os portugueses chamados de “bicudos”. Sobre isso, Virgílio Correia comenta:

Pelas ruas até então silenciosas de Cuiabá, propaga-se a anarquia desenfreada, em berreiro macabramente capadoçal, em que se misturam o sinal de alarma, o estrondo de portas e janelas, o hino da desordem, tiros e depredações das vítimas.<sup>14</sup>

Else Cavalcante enfatiza que os saques, roubos e mortes são explicados mediante um contexto caótico em meio às crises, social, econômica e política pela qual passava Cuiabá e localidades próximas. Os registros documentais também contam que o bispo D. José, com o crucifixo nas mãos, implorava o término da “carnificina”, pois esse movimento se deu em torno da opressão que os portugueses exerciam nas camadas mais pobres das comunidades.<sup>15</sup> Desse modo, para conter tal movimento, Poupino promoveu a dissolução da Guarda Municipal e reorganização da Guarda Nacional. E também expediu guarnições a várias localidades da província como, Serra Acima, Rio Abaixo e Diamantino onde vários portugueses foram mortos, esposas e filhas violentadas e os corpos proibidos de ser enterrados, com orelhas cortadas e levadas para Cuiabá.<sup>16</sup>

De acordo com Sena, Poupino Caldas até então expressava liderança contra os portugueses; porém, no momento da manifestação da Rusga ficou contra os participantes do movimento, aderiu à política central, inclusive prendendo alguns na vila de Diamantino. Poupino e Pedro Alencastro fizeram uma parceria para oprimir o movimento e desse modo acabou desagradando os companheiros que até então estavam apoiando, acusado pelos rusguentos de traidor.<sup>17</sup>

De acordo com os estudos de Siqueira, os cabeças do movimento eram: Pascoal Domingues, Juiz de Direito em Cuiabá, Brás P. Mendes, Prof. de Filosofia, José

<sup>13</sup> SECRETARIA ESPECIAL DE APOIO À CULTURA E RESGATE HISTÓRICO: Cadernos da Memória do Legislativo Cuiabano. V. I. Câmara Municipal de Cuiabá, 2002.

<sup>14</sup> CORREA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1969, p. 487.

<sup>15</sup> Cadernos da Memória do Legislativo Cuiabano. Vol. I, Câmara Municipal de Cuiabá, 2002, p. 29.

<sup>16</sup> SENA, Ernesto Cerveira de. *Entre anarquizadores e pessoas de costumes; A dinâmica política nas fronteiras do império. Mato grosso 1834-1870*. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato, 2009, p. 39.

<sup>17</sup> SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso*. Da ancestralidade aos dias atuais. Entrelinhas, Cuiabá, 2002, p. 46.

J. Carvalho, Promotor Público, Bento Franco de Camargo, Vereador da Câmara de Cuiabá, Caetano Xavier da S. Pereira, bacharel em Direito, Vereador da Câmara de Cuiabá e major da Guarda Nacional. Diante do fato o governo mato-grossense estendia um mês de prazo para os fugitivos saírem da província, mas os líderes exigiam que os bicudos escapos pelo primeiro assalto deixassem a província em vinte e quatro horas.<sup>18</sup> De acordo com Virgílio Correa Filho:

Requisitavam a remoção de todos os adotivos menores de 60 anos para fora da província, por não convir que continuem no exercício de seus empregos civis ou militares, visto que pelas provas que tem dado de inimigos declarados das nossas instituições se achavam armados em suas casas, esperando a notícia da restauração do Duque de Bragança neste império.<sup>19</sup>

No relatório do presidente da província Antonio Pedro Alencastro, que havia tomado posse em setembro de 1834, consta que foram presos os cidadãos de posição social responsáveis pela desordem social enviados à Corte pela navegação fluvial de São Paulo.<sup>20</sup> Assim dizia o presidente:

[...] depois do 30 de maio os cabeças de tão horrorosos crimes tentaram pela segunda vez levar avante seus nefandos desígnios tramando acabar com nosso sistema de governo monárquico constitucional [...]. são estigmatizados, surpreendidos e presos pelos cautos e pacíficos cidadãos que indignados estão e reclamam o seu destino para fora da província [...].<sup>21</sup>

Como consequência do acontecimento da noite de 30 de maio, Poupino foi criticado pelos Zelosos, pela conivência com o governo central. Alguns dos que haviam sido presos no Rio de Janeiro, conseguiram *habeas corpus* e acabaram retornando a Cuiabá. Como o presidente de província Antonio Pedro Alencastro havia sido deposto, Poupino ficou sem a força política resolvendo partir da região, mas antes de partir foi assassinado no ano de 1836. Segundo Taunay, a vítima ainda pôde sacar do bolso uma pistola, mas caiu logo de bruços morto na calçada.<sup>22</sup> Como postula Elizabeth Madureira Siqueira:

---

<sup>18</sup> CORREA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969, p. 489. Na ata da sessão extraordinária do Conselho, realizada a 30 de maio lê-se a resposta atribuída aos revoltosos, p 514.

<sup>19</sup> Idem. Op. Cit., p. 489

<sup>20</sup> Relatório do Presidente de Província de 1835.

<sup>21</sup> Idem. Op. Cit., p. 4.

<sup>22</sup> SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso*. Da ancestralidade aos dias atuais. Entrelinhas, Cuiabá, 2002, p. 91.



Vinha Poupino, nas visitas que estava fazendo, de chapéu de chile e botas, aliás armado, como sempre andava. Sendo o dia de festividade religiosa, segundo uns do Espírito Santo, o estrondear dos foguetes e o repique de sino impediram que se ouvisse o tino homicida, dando ensanchas ao assassino de se retirar incólume, depois de negra façanha. Ainda pode a vitima sacar do bolso uma pistola, mas caiu logo de bruços morto na calçada.<sup>23</sup>

Nos relatos de José Joaquim Ferreira Moutinho, cronista de descendência portuguesa, percebemos outra visão sobre esse fato, pois segundo ele, na época os cuiabanos pouco se afeiçoavam aos estrangeiros, aos portugueses dão nome de “bicudos” e aos filhos de outras nações de “carcamanos”:

A carnificina de 1834 é o ponto negro no Céu daquele torrão, e o pesadelo ainda de muitos indivíduos, de cujas memórias o espaço de sete lustros não tem podido afugentar as imagens de suas vítimas. A página em que se escrever a história desse extermínio de portugueses será uma nódoa de sangue nos anais da província, e jamais o tempo poderá apaga-la. Não tentaremos descrevê-la; apesar de sermos portugueses, queimamos muitos documentos que diziam respeito aos negócios de 1834.<sup>24</sup>

Ainda de acordo com a historiografia mato-grossense, várias foram as críticas sobre o episódio, culminando em anedotas:

Embarca bicudo,  
embarca canalha vil  
que os brasileiros não querem  
Bicudos no seu Brasil.<sup>25</sup>

Em suma, o foco central deste estudo foi analisar o silêncio a respeito do episódio que ficou conhecido como Rusga na historiografia mato-grossense; e que ainda se encontra excluído dos conteúdos dos estudos sobre a história brasileira, longe dos temas contidos nos livros didáticos e, conseqüentemente, dos ensinamentos Fundamental e Médio.

Essa data histórica aqui apresentada, 1834, não é também enfatizada como algo célebre na historiografia mato-grossense, e tampouco como parte de um acontecimento nacional, de uma concepção de história. De certa forma, a crítica aqui explicitada, é talvez uma forma de o conteúdo adquirir visibilidade já que está silenciado

---

<sup>23</sup> Idem. Op. Cit. , p. 91.

<sup>24</sup> MOUTINHO, José Joaquim Ferreira. *Notícias sobre a província de Mato Grosso*. São Paulo: Typ. Henrique Schroeder, 1869, p. 10.

<sup>25</sup> CORREA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1969, p. 514.

como tema da História do Brasil. De acordo com Circe Bittencourt, “cada data traz um acontecimento muitas vezes invisíveis, pois nas datas podem surgir outros acontecimentos relacionados a ela, mesmo que algumas não sejam exclusivamente nacionais.”<sup>26</sup> Desse modo, porque não falar do tema em estudo quando são apresentadas as rebeliões (Cabanagem, Sabinada, Balaiada, Farroupilha) já que são movimentos sociais ocorridas no Brasil numa mesma temporalidade? Alguns historiadores argumentam que os fatos históricos são como as pontas do *iceberg*, pois em cada tempo histórico pode conter outros acontecimentos invisíveis e como a Rusga não é e não deve ser um fato acabado no discurso historiográfico, novos questionamentos podem emergir diante do tema.

Do exposto sobre as breves considerações feitas sobre a Rusga fica a nossa reflexão de que as práticas do processo ensino-aprendizagem precisam ser revisadas diante das mudanças historiográficas trazidas pelas novas indagações, inquietações e polêmicas contribuindo para o rompimento da naturalização como o silêncio sobre o conflito. Que elas possam começar a ser intermediadas pelas nossas práticas historiográficas, pois delas podem emergir diversas problematizações. Mediante múltiplas produções didáticas que apontam conteúdos do ensino de História cujos parâmetros da História do Brasil encontram-se voltados apenas para as regiões litorâneas, portanto, excluindo aspectos sobre a região mato-grossense, cabe a nós, historiadores, o ofício de quebrar os paradigmas pré-estabelecidos e repensarmos mais na nossa arte do fazer o ensino da História. Para Selva Guimarães a disciplina tem como papel central a formação da consciência histórica dos seres humanos, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e a praxes individual coletiva.<sup>27</sup>

*Autora convidada, artigo recebido em 29 de novembro de 2012.*

---

<sup>26</sup> BITTENCOURT, Circe. *Dicionário de datas da história do Brasil*. Contexto. São Paulo, 2010, p. 12-13.

<sup>27</sup> FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, São Paulo. Papirus, 2003, p. 89.